

A MULHER NA SOCIEDADE DE CLASSES¹

WOMEN IN CLASS SOCIETY

Eleanor Leacock*

Resumo

Tradução da introdução de Eleanor Leacock na ocasião da publicação do livro de Heleieth Saffioti, *Women in class Society*, no ano de 1978, nos Estados Unidos. Agradecemos à *Monthly Review Press* pela autorização para a publicação e a tradução do texto em português.

Palavras-chave: Mulher e capitalismo. Feminismo. Marxismo. Heleieth Saffioti

Abstract

Translation of the introduction by Eleanor Leacock on the occasion of the publication of the book by Heleieth Saffioti, *Women in class Society*, in 1978, in the United States. We thank *Monthly Review Press* for authorizing the publication and translation of the text in Portuguese.

Keywords: Woman and capitalism. Feminism. Marxism. Heleieth Saffioti

É importante para leitores falantes de inglês ter disponível a análise de Heleieth Saffioti sobre a mulher na sociedade capitalista. Essa análise, escrita há mais de uma década, por uma mulher latino-americana e com uma perspectiva latino-americana, foi uma contribuição para o esforço de definir as relações entre a questão da mulher e a luta de classes. Ademais, o livro não só apresenta um quadro de argumentação teórica sobre a opressão à mulher e a perpetuação das relações capitalista em geral, mas lida com a mulher em um país, Brasil, em um contexto detalhado que é necessário para todas as áreas.

No presente², o que mantém o poder burguês é a divisão dentro da classe trabalhadora, e entre seus potenciais aliados. Nacionalmente, regionalmente e localmente, pessoas estão sendo colocadas umas contra as outras de acordo com sua raça, sexo, nacionalidade, religião e, cada vez mais, idade também. Uma forte coalizão internacional de viés socialista que trate da questão das mulheres poderia ter um papel importante para ajudar a explicar e superar essas divisões. Para construir essa coalizão, contudo, é preciso entender as variações nas posições das mulheres

1 Tradução de Maria Roman. E-mail: maroman21@gmail.com. Revisão técnica da tradução: Daniele Motta e Elaine Bezerra.

* Eleanor Burke Leacock foi uma importante antropóloga feminista e marxista dos Estados Unidos, que viveu entre os anos de 1922 e 1987. Lecionou a cadeira de Antropologia na *Brooklyn Polytechnic Institute*, na *New York University*, e foi responsável por construir o Departamento de Antropologia da *City College of New York*, em 1972, onde permaneceu até a sua morte. Eleanor Leacock dedicou-se a pesquisas sobre populações nativas da América do Norte, sendo pioneira na reflexão de que essas sociedades só poderiam ser concebidas por meio de um olhar que levasse em consideração as consequências do processo de colonização sofrida por elas.

2 Todas as vezes que a autora tratar, no texto, do tempo presente, contemporâneo, refere-se à data da publicação do texto (1978), não aos dias de hoje, 2021 (nota das revisoras).

em países diferentes e classes diferentes. Esse entendimento, por sua vez, necessita de estudos e discussões que têm o escopo e o rigor do trabalho de Saffioti.

O problema apresentado em a “Mulher na Sociedade de Classes” pode ser agrupado em seis tópicos: (1) a marginalização econômica da mulher na sociedade capitalista; (2) funções mantidas pela organização familiar (ou parentesco, como coloca Saffioti) na sociedade capitalista; (3) relações entre sexo, raça e classe; (4) A organização da mulher nos países centrais e nos países de terceiro-mundo; (5) a ciência e a ideologia da “mística feminina”; e (6) a mulher e a luta pelo socialismo. Como Saffioti escreve no prefácio desta edição, uma grande parte dos seus trabalhos, empíricos e teóricos, nessa problemática da mulher, foram feitos na década seguinte da primeira edição de seu livro. Logo devo comentar sobre o significado dos pontos principais de Saffioti na relação com os seis tópicos, como eu os entendo, e observar algumas das direções de análises subsequentes que têm sido feitas.

A Marginalização da Mulher na Sociedade Capitalista

O ponto central de Saffioti é que a marginalização da mulher se deve à inabilidade da economia capitalista em empregar todas as trabalhadoras potenciais, e sua necessidade por um exército industrial de reserva que pode ser utilizado ou deixado de lado de acordo com as exigências econômicas. A posição da mulher não é tão somente baseada na demanda de família, como se concebe comumente, a estrutura familiar é baseada na marginalização da mulher, que é essencial para o capitalismo. Essa realidade é racionalizada pelo “complexo de masculinidade” e pela “mística feminina”, que socializam os sexos para seus papéis e os ajudam a se conformarem com a exploração de seu trabalho. Embora as lutas para reformar o status da mulher terem sido importantes, a liberação completa da mulher é impossível sem a participação igual na produção e na socialização concomitante dos afazeres domésticos. Esses objetivos são atingíveis somente na economia coletiva; conseqüentemente a libertação da mulher está intrinsecamente ligada à emancipação do homem. Contudo, Saffioti aponta que, enquanto o status da mulher tem melhorado consideravelmente nos países socialistas contemporâneos, a igualdade completa não é de forma alguma assegurada, mas requer uma luta contínua.

Traçando a história da mulher no Brasil, Saffioti explica mais dois pontos que são relevantes para entender a situação internacional da mulher. Primeiro, ao contrário da presunção comum, o capitalismo não tem sido o responsável por levar a mulher para dentro da produção. Ao contrário, com o desenvolvimento do capitalismo, a função produtiva formal das unidades familiares é adotada pela organização das indústrias e as mulheres são forçadas para fora da produção pública. Segundo, o Brasil, assim como outros países da América Latina, não pode ser comparado com a Europa feudal, como uma área subdesenvolvida que está agora sendo “modernizada”. O Brasil pode ser entendido somente em termos de formação deliberada de países de subdesenvolvimento capitalista pelos países de sistema capitalista central. A posição marginalizada do Brasil significa

que o processo pelo qual a mulher foi empurrada para fora da produção pública, conforme o capitalismo se desenvolveu, tem sido mais extremo do que nos países centrais. E as ideias de docilidade das mulheres e autoridade masculina são definidas com respeito às mulheres brancas de classe alta, as quais eram mantidas rigidamente sob a “ordem senhorial escravocrata”.

Saffioti, então, está entre os acadêmicos que falam a partir do olhar sobre o subdesenvolvimento, projetado do mundo neocolonial, e tem explorado as implicações concretas desse na exploração das mulheres. A redução das atividades produtivas das mulheres, que ocorre quando os países coloniais são atraídos para uma economia totalmente capitalista, e a concomitante restrição das áreas nas quais elas exercem certo controle, tem sido documentada para outras áreas além do Brasil. Desenvolvimentos paralelos – e contraditórios que precisam ser avaliados em suas especificidades em cada país –, a atuação de algumas mulheres na burocracia governamental aponta para os problemas relativos à equalização da posição social e legal da mulher, sendo indevidamente mal paga por parte das corporações multinacionais.

A Família na Sociedade Capitalista

A estrutura de parentesco baseada no núcleo da família economicamente independente, na qual o assalariado masculino é associado ao sustento da sua esposa e filhos, é economicamente, socialmente, e ideologicamente de primeira importância para o capitalismo e, sem muitas evidências do contrário, o núcleo familiar é comumente apresentada como humano “natural” universal. No presente trabalho, e em outros³, Saffioti discute as múltiplas funções atribuídas à família capitalista. Economicamente, a família mantém a mulher como uma força de trabalho reserva que pode ser manipulada de acordo com as exigências econômicas: enquanto não são inseridas nas funções produtivas, trabalham de maneira desvalorizada e não remunerada para manter a produtividade do homem e para educar e socializar as gerações sucessoras de trabalhadores; socialmente, isso funciona como um amortecedor, mitigando a competição intensa do sistema capitalista; e ideologicamente, mistifica a marginalização econômica da mulher através da ficção de que a estrutura familiar flui naturalmente a partir dos atributos do homem e da mulher, e a presunção de que o salário do homem é suficiente para manter a família.

Esclarecimentos adicionais de organizações da família capitalista e da história de seu surgimento estão sendo oferecidos agora por diversas áreas e em períodos diferentes. A riqueza de novos dados sobre a mudança na função familiar, assim como as reinterpretações de antigos dados, estão sendo produzidos. Na tentativa de categorizar esses estudos, encontramos cinco limites de investigação: (1) análise de relações de produção em sociedade de “comunidade primitiva”, na qual grupos multifamiliares ou de parentes, em vez de núcleos familiares, são a base econômica e unidade reprodutiva; (2) reconstrução histórica do processo ligado por ambas

³ Os artigos recentes de Saffioti publicados em língua inglesa são *Female Labor and Capitalism in the United States and Brazil*, *Women Cross-Culturally*, *Change and Challenge* e *Women, Mode of Production, and Social Formations*.

as diferenciações de classe e relações de patriarcado entre os sexos; (3) estudos de trocas de funções familiares e da relação econômica entre homem, mulher, e crianças na transição para o capitalismo; (4) interpretação de parentesco e família entre os trabalhadores mais severamente explorados, tanto em nações colonizadas quanto entre povos racialmente oprimidos em nações colonizadoras, onde a forma de família nuclear idealizada é frequentemente menos praticável do que a poligamia e amplas redes de parentesco; e (5) exames de relações entre trabalhadoras femininas e migração e função familiar⁴.

Em cada área, o esforço tardio para definir a mudança de posição da mulher em termos de economia política levou a importantes discussões e debates. A formulação de Saffioti sobre a organização das funções múltiplas da família na sociedade capitalista é aparentemente direcionada contra posições que consideram que a liberação completa da mulher deve ser atingida através de reformas educacionais, ocupacionais ou políticas familiares, em vez de através da transformação social fundamental. Ela reafirmou recentemente que não é a família que coloca a mulher em posição inferior na força de trabalho e na sociedade, mas a necessidade do papel marginalizado da mulher como trabalhadora não remunerada e reprodutora da força de trabalho que é responsável pela organização da família e seu correspondente psicossocial. “A Instituição, família, a qual é vista como um obstáculo para a situação de desenvolvimento da mulher na direção paralela ao desenvolvimento do sistema econômico da sociedade de classes, não é nem um dos principais meios através do qual o sistema econômico pode sobreviver.”⁵

Em outro artigo recente, Saffioti explicita o problema com a formulação de Mariarosa Dalla Costa, cujo trabalho não pago da mulher na família produz diretamente uma mais-valia – nos termos precisos de Marx, Saffioti afirma, o processo é indireto – e também critica a alternativa de formulação da Ira Gerstein, em que a produção de poder de trabalho pelas famílias é “simples produção de insumos”, por meio da qual as pessoas controlam a distribuição de seus produtos. Ao contrário, Saffioti enfatiza a especificidade histórica da forma da família capitalista como “uma instituição social que é altamente adaptável à produção capitalista.” Ela também reitera a importante distinção a ser feita entre possibilidades disponíveis para a mulher em países capitalistas centrais, onde investimentos massivos em área não produtivas é possível, e em países periféricos, onde é o nascimento da sobrecarga de exploração do capitalismo⁶.

4 Não é possível aqui dar mais do que uma amostra da literatura que, além dos trabalhos citados acima e dos livros conhecidos, como os de Sheila Rowbothan, levarão o leitor a outra recente biografia, pesquisa e debate. No primeiro e segundo tópicos, veja Mina Davis Caulfield, *Universal Sex Oppression? A Critique from Marxist Anthropology*; Eleanor Leacock, *Women's Status in Egalitarian Society: Implications for Social Evolution*; os capítulos de Leacock e Ruby Rohrlich-Leavitt: *Becoming Visible*, Wanda Minge-Kalman; *Household Economy During the Peasant to Worker Transition in the Swiss Alps* e *The Industrial Revolution and the European Family: The Institutionalization of Childhood as a Market for family Labor*; Joan Scott e Louise Tilly, em *Women, Work and the Family*; e Eli Zaretsky, em *Capitalism, the Family, and Personal Life*. Para a discussão sobre a comunidade negra enquanto classe trabalhadora, ver Carol Stack, *All Our Kin*. Para migração, ver a edição especial do *Anthropological Quarterly on Women and Migration*. Mais materiais citados acima em “Mulheres e Desenvolvimento”.

5 Heleith Saffioti, na obra *Female Labor and Capitalism* (p. 92).

6 Saffioti, em *Women, Mode of Production, and Social Formations* (p. 32-36).

Relações entre Sexo Raça e Classe

Saffioti aponta que a categoria natural de raça, como a de sexo, é dimensionada pelo capitalismo, não somente para aumentar lucros, mas também para ocultar a natureza de exploração fundamental da classe. Talvez a contradição mais dolorosa na cena da política contemporânea está no fato de que as pessoas que compartilham o mesmo interesse principal de classe são consideravelmente colocadas umas contra as outras em virtude de sua raça ou sexo. A responsabilidade central para os leitores de Marx deve ser interpretar a interrelação de opressão por raça, classe e sexo em qualquer situação que eles estão tratando, para ajudar a alcançar o potencial revolucionário da luta em comum contra os três. É trágico, contudo, que o reconhecimento da exploração de classe como base comum foi exigido de maneira mecânica que ignora a opressão por raça e sexo e anula o poder da luta contrária a isso. Em outra ocasião, eu me referi à tendência prevalente em imaginar o capitalismo como um desenvolvimento europeu interno, centrado inteiramente na exploração de homens e brancos⁷. A consequência dessa visão é que a opressão dos não brancos, de forma dura e brutal, é de algum modo periférico ao modo de exploração dominante. Historicamente, todavia, foi a união da exploração de classe e raça em escala mundial que fez o triunfo da burguesia europeia possível. O tratamento histórico de Saffioti sobre as mulheres reafirma o fato de que a dupla opressão da mulher da classe trabalhadora e a tripla opressão das mulheres não brancas da classe trabalhadora é, e seguirá sendo, fundamental para a exploração do capitalismo. Facilmente observável dado que as condições refletem na realidade analítica⁸.

No Brasil, assim como nos Estados Unidos, a relação entre a opressão de raça e de sexo é reconhecida pelas primeiras feministas que se pronunciaram contra a escravidão. Contudo, embora as feministas no Brasil conseguiram ganhos importantes para as mulheres na educação e nas reformas legais, como mostra Saffioti, a maioria delas não superaram as ligações com seus privilégios de status de classe alta. A lacuna entre as mulheres de classe baixa e alta na América Latina colonial era enorme, não somente a respeito do padrão de vida, mas também à organização familiar e ao estilo de vida. Saffioti descreve a posição polarizada de mulheres brancas de classe alta e mulheres negras escravizadas definidas pela ordem senhorial escravocrata (Elinor Burkett forneceu recentemente dados similares sobre a elite indiana e mulheres negras no Peru colonial⁹).

Mulheres brancas das classes senhoriais no Brasil se casaram na adolescência. Elas foram criadas para honrar status patrimonial, assim como suas mães, e o luxo que possuíam era restrito ao confinamento de seus status em famílias de patriarcado rigoroso. Enquanto algumas poucas dentre elas, rebeldemente, tinham amantes ou usavam suas energias como

7 Eleanor Leacock, em *Class, Commodity, and the Status of Women*.

8 Para mulheres negras nos Estados Unidos, ver Frances Beal, *Double Jeopardy: To be Black and Female*.

9 Elinor C. Burkett, em *Dubious Sisterhood: Race and Class in Spanish Colonial South America*.

gerentes habilidosas e capazes (para isso são sujeitos que incentivam mais pesquisas), a maioria delas foram pressionadas ao estilo social de dependência modesta, ainda que forrado por manipulações de seduções, dentro do padrão aceito para o comportamento feminino. A posição restrita da mulher na família de classe alta foi compensada pelo papel de chefe da casa, com poder de mando sobre a mulher escravizada. Como o chefe da família comumente reconhecia e se interessava pelo seu filho não legítimo, a família de classe alta estava em poligamia efetiva, embora a mulher não tivesse voz de fato e nem autoridade sobre seus filhos e seus empregados.

A estrutura familiar da classe alta pressupunha necessariamente uma estrutura familiar diferente entre os escravizados. Além disso, essa estrutura familiar era uma impossibilidade para as famílias brancas pobres, e Saffioti aponta que as filhas das famílias brancas pobres frequentemente seguiam o caminho da prostituição para se manter. Saffioti se refere à instabilidade e às leis do casamento que se tornaram características formais da família da classe trabalhadora. As efetivas estruturas de relações familiares das famílias trabalhadoras, a importância da ampla ligação de parentesco, o significado de mais liberdade pessoal para mulheres, diferenças entre negros e brancos, e as mudanças com o tempo são todos importantes temas para a investigação detalhada. A natureza da estrutura de parentesco nas comunidades independentes de escravos fugidos que seguiam se formando nas fronteiras brasileiras devem ser examinadas também, na medida em que os raros dados permitam, assim como os momentos em que as mulheres negras foram promovidas a posições de liderança, em sociedades afro-indígenas¹⁰.

Considerando que a diferença extrema entre a classe alta e a classe baixa da mulher brasileira foi modificada com o fim da escravidão, e o crescimento do proletariado urbano e da classe média, as líderes do movimento feminista em desenvolvimento seguiram em relações de contradições, entre os interesses delas como parte de uma elite e seus interesses como mulher. Essas contradições foram e são importantes em todo o mundo capitalista. Contudo, acredito ser justo dizer que tem havido um reconhecimento crescente entre as mulheres acadêmicas, profissionais e outras mulheres da classe média ou da elite, de que não é suficiente abordar as questões das mulheres dessa forma, e que, para se alcançar uma organização eficaz, é preciso encontrar maneiras de colocar o conhecimento e os recursos dessas mulheres no processo de aliança ativo.

Saffioti escreve sobre a divisão na organização da classe trabalhadora que resultou do viés masculino contra a mulher trabalhadora, principalmente nos sindicatos. Junto com as dificuldades práticas das mulheres em encontrar tempo além do trabalho e da família, e os efeitos de sua socialização como idealmente independentes, Saffioti aponta que essas atitudes negativas dos homens desencorajam mulheres a se organizar, embora elas fossem geralmente militantes o suficiente quando faziam greves. Quanto às contradições nos programas feministas,

10 Além do material de rodapé fascinante que Saffioti oferece, existem também referências úteis em C. R. Boxer, *Women in Iberian Expansion Overseas*, e Ann M. Pescatello, em *Power and Pawn, The Female in Iberian Families, Societies, and Cultures*. Para uma descrição personalizada da mulher no século XX, na Bahia, ver Ruth Landes, *The city of Women*; para informações sobre comunidades de escravos rebeldes e para referências sobre mulheres negras líderes, ver Richard Price, em *Maroon Societies*.

esse padrão é também contemporâneo e difundido. Ademais, esses programas coexistem com a divisão causada por discriminação racial institucionalizada e atitudes de supremacia branca.

É impossível não¹¹ acentuar a importância dessas divisões no capitalismo contemporâneo. Trabalhadores, homens e mulheres ao redor do mundo estão sendo explorados diretamente pelas mesmas redes de empresas capitalistas. O capitalismo europeu agora depende da mesma mão de obra que construiu o capitalismo dos Estados Unidos: imigração em massa de trabalho dos países de terceiro-mundo, o que fornece trabalho barato, e evita o custo social de reproduzir a força de trabalho nacional, e pode ser usado para dividir a classe trabalhadora politicamente. A mulher constitui uma atividade importante no trabalho dos migrantes. Concomitantemente, corporações multinacionais localizadas em países de capitalismo central estão exportando indústria para países de periferia onde os trabalhadores podem ser mal remunerados, e esses trabalhadores são geralmente mulheres. Em suma, um verdadeiro proletariado internacional é construído em ritmo acelerado, e as mulheres são parte integrante nisso. Dado esse fato central no mundo contemporâneo, é de se imaginar que os detentores do poder usam todo o necessário em seu alcance para perpetuar o conflito e a discórdia, em estruturar relações competitivas entre trabalhadores por raça e sexo, e ver que essas relações são fortalecidas com declarações ideológicas de uma dependência “natural” da mulher e da inferioridade ou a irresponsabilidade dos não brancos.

Organizações Feministas

Em sua história, compassiva, mas crítica, da atividade feminista no Brasil, Saffioti oferece materiais valiosos com os quais os leitores que falam inglês não estão acostumados. Sua discussão da distinção entre feminismo burguês e feminismo socialista indica um passo extremamente importante para entender a posição da mulher economicamente e sua relevância para a organização que estava sendo formada no momento da escrita. Nos meus dias de estudante, em 1940, feminismo significava feminismo burguês na terminologia de esquerda, pelo menos nos Estados Unidos. Se bem me lembro, a suposição que foi difundida era a de que a organização dos problemas das mulheres tinha natureza contraditória em relação à organização dos interesses da classe trabalhadora. No entanto, muitas mulheres marxistas foram convencidas de que uma orientação feminista, que claramente envolve a vasta maioria das mulheres e suas necessidades, não é somente compatível com os objetivos da classe trabalhadora, mas é essencial para a sua realização. A análise de Saffioti sobre a importância da posição da mulher na família capitalista, que reproduz as relações capitalistas, é uma das declarações principais que subscreve essa convicção¹².

11 A palavra “não” está ausente do texto no original, foi incluída para a versão da tradução que segue. O objetivo, com o acréscimo da palavra, é dar um sentido para a frase que dialogue com o que a autora fala em seguida (nota da tradutora).

12 A influência de Mariarosa Dalla Costa foca na significância do trabalho feminino em casa e deve ser notado aqui (Mariarosa Dalla Costa & Selma James, na obra *The Power of Women and the Subversion of the Community*).

Não que a definição de socialismo ou marxismo feminista resolva o problema de como construir uma unidade entre as mulheres de classe média (ou uma ocasional classe alta) e mulheres da classe trabalhadora, mas o problema é colocado em uma perspectiva viável. O próprio tratamento de Saffioti sobre o relacionamento de classe entre mulheres é puramente histórico, parando pouco antes do período contemporâneo, e falta informações sobre o estilo de vida contemporâneo e as atitudes de mulheres da classe trabalhadora. Ela vem conduzindo pesquisas sobre o trabalho de mulheres domésticas e nas indústrias¹³, o que irá preencher essa¹⁴ lacuna. No presente, existem trabalhos, debates e discussões contínuas entre mulheres do campo do marxismo ou um drástico compromisso sobre questões que são fundamentais para unir mulheres de classe média ou de elite e mulheres da classe trabalhadora, a nível local e nacional, e mulheres de nações capitalistas e coloniais, a nível internacional. Boletins informativos, matérias de estudos, assim como artigos formalmente publicados, estão discutindo as relações entre opressão por sexo e opressão por raça (Entendo que o maior problema aqui a ser superado são atitudes chauvinistas por parte de mulheres brancas e ajudá-las a reconhecer a necessidade de respeitar a liderança e a fala dos negros, de pessoas de outras raças e de nacionalidades de mulheres oprimidas); as diferentes direções e objetivos de curto prazo das mulheres em diferentes classes com relação à vida no trabalho e na família; os entendimentos diferentes entre objetivos de curto prazo e luta de longo prazo para o socialismo nas nações imperiais e nas nações que devem se juntar à luta para a libertação nacional; e as medidas a serem adotadas contra a discriminação no trabalho, em suas diversas formas, contra violência e brutalidades com mulheres, por cuidado infantil digno, escolas, moradia, e seus problemas imediatos, e construir uma direção de classe consciente entre as mulheres¹⁵.

Ciência e Ideologia

Saffioti desenha, dentro da estrutura marxista, a perspectiva holística da Antropologia, assim como o que ela acredita ser útil na Sociologia weberiana e na teoria de psicanálise freudiana: na análise de como se pratica a socialização, atribuições de personalidades e como sistemas ideológicos são formados em conformidade com as necessidades do capitalismo. Sua discussão de ciência como uma ideologia ilumina o processo consciente e inconsciente nos quais os conhecimentos científicos são usados para controlar ao invés de liberar. Os conhecimentos

13 Refere-se às seguintes obras de Heleieth Saffioti, publicadas posteriormente: “Emprego Doméstico e Capitalismo”; “Do Artesanal ao Industrial: A Exploração da Mulher” e “Mulher Brasileira: Opressão e Exploração” (nota das editoras).

14 Saffioti e Helen Safa estão realizando um estudo comparando contextos, atitudes, estilo de vida e organização familiar das mulheres trabalhadoras de fábrica em São Paulo e na região metropolitana da cidade de Nova Iorque.

15 Os artigos citados, além do trabalho mencionado anteriormente, são: Mina Davis Caufield, em *Imperialism, the Family, and Cultures of Resistance*; Selma James, *Sex, Race and Working Class Power*; Diane K. Lewis, na obra *A Response to Inequality: Black Women, Racism, and Sexism*; e Helen Safa, *Class Consciousness Among Working Class Women in Latin America: A Case Study in Puerto Rico*.

científicos são usados, efetivamente, para manipulação ideológica, e a fragmentação de seu esforço contribui para que isso seja possível. Saffioti aponta que a formulação determinante de Helene Deutsch na personalidade feminina deveria ter sido impossível na visão do conhecimento intercultural de antropólogos que estavam disponíveis no momento de sua pesquisa. O mesmo padrão está sendo repetido hoje: mesmo com a evidência clara do contrário, uma série de trabalhos argumentam que a dominância masculina e a submissão feminina, juntamente com a dupla norma para o comportamento sexual, são baseadas universalmente e biologicamente. Triste dizer, muitos antropólogos estão contribuindo para essa linha de argumentação.

Afirmações contemporâneas de dominação masculina como biologicamente baseadas e/ou universais têm várias funções além da de racionalizar diretamente o status quo. Elas normalmente representam uma regra matriarcal de mulheres oprimindo homens como uma alternativa à regra patriarcal de homens oprimindo mulheres no passado histórico. Desse modo, eles ocultam a natureza recíproca de relações de sexo igualitárias ou sociedade de “comunismo primitivo”, e a imagem de organização social como necessariamente envolvendo estruturas de dominação e submissão é perpetuada. Segundo, a imagem dos humanos, e principalmente dos homens, como basicamente agressiva e competitiva, é reforçada. Terceiro, a noção de igualdade de sexo é apresentada como ocidental e estranha às tradições de países de terceiro-mundo, quando, na verdade, a reciprocidade igualitária entre os sexos é encontrada em muitas culturas pré-coloniais¹⁶.

Duas outras linhas importantes de ataques ideológicos a mulheres merecem uma breve menção aqui. A primeira, o ataque a mulheres negras estabelecido por Patrick Moynihan. Ele construiu, a partir do conceito de cultura de pobreza de Oscar Lewis, o argumento de que as dificuldades dos homens negros eram, em grande parte, causadas pela força das mulheres negras. A segunda, um ataque às organizações de mulheres em geral, que vem crescendo rapidamente desde que o livro de Saffioti foi escrito. Isso foi difundido pela mídia com o jargão *Women's lib*¹⁷, uma frase que distorce e trivializa os estágios iniciais do que necessariamente virá a ser o componente central na luta contra todos os tipos de opressão.

A Luta pelo Socialismo

Como eu já havia apresentado muitas vezes, a essência fundamental da análise de Saffioti é a de que a luta contra a opressão das mulheres e a luta pelo socialismo são inseparáveis. “Preconceitos que na superfície parecem atrasar o progresso da ordem do capitalismo se mostram no fundo ser fatores de peso que ajudam a mantê-lo”, ela escreve. Será preciso unir

¹⁶ Adicionalmente a alguns de meus artigos citados anteriormente, eu descrevo esses argumentos e dados em *Society and Gender*.

¹⁷ *Women's lib* foi o movimento de emancipação das mulheres, que surgiu no fim de 1960 e seguiu até os anos 1980, principalmente nos países mais industrializados, e que imprimiu grandes mudanças políticas, intelectuais e culturais em todo o mundo (nota da tradutora).

forças dos dois sexos, se “tornando consciente da tradição da época em que eles vivem e os meios de superação,” para erradicar a propriedade privada e a estratificação por sexo que a fundamenta. Somente na economia coletiva é possível a socialização das mães.

Saffioti escreve sobre a necessidade de mais desenvolvimento teórico para completar a luta contra a opressão de sexo nos países socialistas. Nesse sentido, reforço a importância de desenvolver a discussão de Engels de como a produção de *comodities* em si e a família como uma união econômica estavam historicamente ligadas. De acordo com essa afirmação, somente através da total erradicação de ambos a libertação das mulheres seria realmente atingida, ou, para colocar de uma outra maneira, o socialismo seria totalmente realizado. Contudo, ao mesmo tempo em que é importante ter um entendimento geral de porque isso é assim, para melhor compreender desenvolvimentos em países politicamente comprometidos com o socialismo, nossas preocupações imediatas nos Estados Unidos são o contrário. Nós ainda temos que definir precisamente a relação das mulheres com a produção, atitudes e objetivos em diferentes setores e da classe trabalhadora, e dentro dessa mistura de trabalhadoras e da pequena burguesia, facilmente confundida com a classe média, convergir interesses pela organização efetiva para a construção do entendimento revolucionário.

Referências

- ANTHROPOLOGICAL QUARTERLY. **Women and Migration**. Washington: The George Washington University Institute for Ethnographic Research, v. 49, n. 1, jan. 1979.
- BEAL, Frances. Double Jeopardy: To be Black and Female. *In*: GUY-SHEFTAL, Beverly (org.). **Words of Fire: An anthology of African American Feminist Thought**. New York : The New York Press, 1969. p. 146-155.
- BOSERUP, Ester. **Women's Role in Economic Development**. New York: St Martin's Press; London: Allen & Unwin, 1970.
- BOXER, C. R. **Women in Iberian Expansion Overseas, 1415-1815: Some Fancies and Personalities**. New York: Oxford University Press, 1975.
- BURKETT, Elionor C. Dubious Sisterhood: Race and Class in Spanish Colonial South America. **Latin American Perspectives**, New York, v. 4, n. 1/2, p. 18-26, 1977.
- CAUFIELD, Mina Davis. Imperialism, the Family, and Cultures of Resistance. **Socialist Review**, New York, v. 19, p. 67-85, 1974.
- DALLA COSTA, Mariarosa; JAMES, Selma. **The Power of Women and the Subversion of the Community**. Bristol: Falling Wall Press, 1975.
- JAMES, Selma. **Sex, Race and Working Class Power**. Bristol: Falling Wall Press, 1975.
- LANDES, Ruth. **The city of Women**. New York : Macmillan, 1947.
- LATIN AMERICAN PERSPECTIVES. Women and Class Struggle. New York: Sage Publications, v. 4, n. 1-2, 1977.
- LEACOCK, Eleanor. Class, Commodity, and the Status of Women. *In*: ROHRLICH-LEAVITT, Ruby (org.). **Women Cross-Culturally: Change and Challenge**. Berlin, De Gruyter, 1975. p. 605-622
- LEACOCK, Eleanor. Women's Status in Egalitarian Society: Implications for Social Evolution. **Current Anthropology**, Chicago, v. 19, n. 2, p. 247-275, jun. 1978.
- LEACOCK, Eleanor; ROHRLICH-LEAVITT, Ruby. **Science and Society**, New York, v. 42, n. 3, p. 361-363, 1978.

- LEWIS, Diane K. A Response to Inequality: Black Women, Racism, and Sexism. *In: COTT, Nancy F. (ed.). **No small courage.** The history of women in the United States. Oxford : Oxford University Press, 1977. p. 468-490.*
- MINGE-KALMAN, Wanda. Household Economy During the Peasant to Worker Transition in the Swiss Alps. **Ethnology**, Pittsburgh, v. 17, n. 2, p. 183-196, 1978.
- MINGE-KALMAN, Wanda. The Industrial Revolution and the European Family: The Institutionalization of Childhood as a Market for family Labor. **Comparative Studies in Society and History**, Cambridge, v. 20, n. 3, p. 454-468, 1978.
- NASH, June. **Certain Aspects of the Integration of Women in the Development Process:** A point of view. Conference Background Paper, United Nations World Conference of the International Women 's Year, 1975.
- NASH, June ; SAFA, Helen. **Sex and Class in Latin America.** New York: Praeger Publishers, 1976.
- PALA, Achola O. **African Women in Rural Development:** Research Trends and Priorities. Washington: American Council on Education, 1976.
- PESCATELLO, Ann M. **Power and Pawn, The Female in Iberian Families, Societies, and Cultures.** Westport, Connecticut : Greenwood Press, 1976.
- PRICE, Richard. **Maroon Societies:** Rebel slave communities in the Americas. New York: Anchor Books Edition, 1973.
- REITER, Rayna R. **Man and women in the south of France:** Public and private domains. Toward an Anthropology of Women. New York, London: Monthly Review Press, 1975.
- REITER, Rayna R. **Toward an Anthropology of Women.** New York, London: Monthly Review Press, 1975.
- REMY, Dorothy. **Underdevelopment and the experience of Women:** A Nigerian Case Study. New York, London: Monthly Review Press, 1975.
- RUBBO, Anna. **The Spread of Capitalism in Rural Colombia:** Effects on Poor Women. New York, London: Monthly Review Press, 1975.
- SAFA, Helen. Class Consciousness Among Working Class Women in Latin America: A Case Study in Puerto Rico. **Politics & Society**, New York, v. 5, n. 3, p. 377-394, 1975.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Women in Class Society.** New York, London: Monthly Review Press, 1978.
- SAFFIOTI, Heleieth. Female Labor and Capitalism. *In: ROHRLICH-LEAVITT, Ruby (org.), **Women Cross-Culturally:** Change and Challenge.* Berlin, De Gruyter, 1975. p. 59-94
- SAFFIOTI, Heleieth. Women, Mode of Production, and Social Formations. **Latin American Perspectives**, New York, v. 4, n. 1-2, p. 27-37, 1977.
- SCOTT, Joan Scott ; TILLY, Louise. **Women, Work and the Family.** New York: Holt, Rinehart and Winston, 1978.
- SIGNS. Women and National Development: The Complexities of Change. Chicago: The University of Chicago Press, v. 3, n. 1, 1977.
- SUDARKASA, Niara. **Where Women Work:** A Study of Yruba Women in the Marketplace and in the Home. Michigan: University of Michigan Press, 1973.
- STACK, Carol. **All Our Kin:** Strategies for survival in a Black Community. New Yorker : Harper & Row, 1974.
- ZARETSKY, Eli. **Capitalism, the Family, and Personal Life.** New Yorker : Harper & Row, 1973.

Recebido em: 03/11/2020

Aceito em:: 02/01/2021